

O EMPREGO DA COMUNICAÇÃO NA PREVENÇÃO À PRÁTICA DO BULLYING NAS ESCOLAS DE BLUMENAU (BRASIL).

Clóvis Reis (Brasil),¹ Valquíria Roseli Dias (Brasil).²

Resumo

O *bullying* é um fenômeno presente na maioria das escolas. Suas causas e consequências são complexas. Estudos anteriores ressaltam a importância de campanhas institucionais para a prevenção de tais comportamentos. A presente pesquisa analisa como as escolas de Blumenau, no Brasil, empregam as ferramentas de comunicação em referidas iniciativas. Desde a perspectiva da metodologia científica, classifica-se o presente trabalho como uma pesquisa básica (quanto à natureza do estudo), qualitativa (quanto à abordagem do problema) e descritiva (quanto aos objetivos), baseada em revisão bibliográfica e realização de entrevistas. Os resultados indicam que os educandários desenvolvem projetos na área, agindo a partir da identificação de demandas específicas. Os entrevistados avaliam positivamente as campanhas.

Palavras-chave

Bullying; Bullying escolar; Comunicação; Comunicação institucional; Educação.

Abstract.

Bullying is a phenomenon present in most schools. The causes and the consequences of these occurrences are complex. Previous studies highlight the importance of the institutional campaigns to prevent such practices. The present research analyses how the schools from Blumenau, in Brazil, employ the communication tools in these initiatives. In the perspective of scientific methodology, this work is a basic research (the nature of the study), a qualitative research (the approach of the problem) and a descriptive research (the objectives of the study). It is based on literature review and interviews. The results indicate that the schools develop projects in the area and move through the identification of the specific demands. Respondents positively evaluate campaigns.

Keywords.

Bullying; Bullying in the school; Communication; Institutional communication; Education.

Introdução.

Um terço dos estudantes do nono ano do ensino fundamental do Brasil já sofreu *bullying*, de acordo com pesquisa nacional do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009). A ocorrência é mais frequente entre os alunos de escolas privadas (35,9%) do que entre os estudantes de escolas públicas (29,5%). Dados mais recentes do Cemeobes – Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o *Bullying* Escolar revelam que 45% dos alunos já foram vítimas, agressores ou ambos os casos (Istoé, 2012).

Pela dificuldade de tradução da palavra para um vocábulo com o mesmo significado na língua portuguesa, as pesquisas em geral empregam o termo original em inglês (Lopes Neto, 2005). Para facilitar a compreensão deste conceito, Carvalhosa, Lima e Matos (2001) designam o fenômeno como “provocação/vitimação” ou “intimidação”, reconhecendo ademais a sua vinculação aos termos agressividade e violência.

Com efeito, o *bullying* cresce de forma assustadora, segundo Santos e Sousa dos Santos (2011), a ponto de já ser considerado uma epidemia no ambiente escolar, estudado com diferentes graus de tradição em países como Austrália, Holanda, Estados Unidos, Portugal, Coreia e Brasil (Calbo et al., 2009).

O presente trabalho se soma a tais esforços. A pesquisa analisa o emprego da comunicação na prevenção à prática do *bullying* infantil nas escolas, com os objetivos de identificar as ferramentas utilizadas no processo, examinar o conteúdo das mensagens e avaliar os resultados das campanhas anti-*bullying*. A coleta dos dados empíricos ocorreu em Blumenau, município localizado no Estado de Santa Catarina, no Sul do Brasil, com uma população de cerca de 310 mil habitantes e cerca de 51 mil alunos matriculados no ensino fundamental e médio (Inep, 2011)

2 Fundamentação teórica.

Agressões físicas e morais, xingamentos repetidos, intencionais e sem motivação aparente, apelidos maldosos, chateações inoportunas, entre outras práticas caracterizam o *bullying*, que já foi considerado por muitos pais e professores apenas como uma “brincadeira de criança”. Entretanto, as características e as consequências do fenômeno são bastante distintas, tal e como esclarecem Fante e Pedra (2008, p. 9):

O *bullying* é diferente de uma brincadeira inocente, sem intenção de ferir; não se trata de um ato de violência pontual, de troca de ofensas no calor de uma discussão, mas sim de atitudes hostis, que violam o direito à integridade física e psicológica e à dignidade humana. Ameaça o direito à educação, ao desenvolvimento, à saúde e à sobrevivência de muitas vítimas. As vítimas se sentem indefesas, vulneráveis, com medo e vergonha, o que favorece o rebaixamento de sua autoestima e a vitimização continuada e crônica.

Conforme Lopes Neto (2005, p. 170), pesquisas realizadas nas últimas décadas demonstraram que a prática do *bullying* pode produzir implicações negativas, imediatas ou tardias, para todas as crianças e adolescentes direta ou indiretamente envolvidos nos casos, o que exige a participação efetiva da escola a fim de reverter esta tendência:

Reduzir a prevalência de *bullying* nas escolas pode ser uma medida de saúde pública altamente efetiva para o século XXI. [...] Em um país como o Brasil, onde o incentivo à melhoria da educação de seu povo se tornou um instrumento socializador e de desenvolvimento, onde grande parte das políticas sociais é voltada para a inclusão escolar, as escolas passaram a ser o espaço próprio e mais adequado para a construção coletiva e permanente das condições favoráveis para o pleno exercício da cidadania.

O estudo das causas e consequências do *bullying* revelou a importância da prevenção a referidas manifestações, sob pena de graves implicações para vítimas, agressores, familiares e a própria escola. Um caso em que as consequências do fenômeno tomaram grandes proporções ocorreu em uma escola municipal de Realengo (RJ), em 2011, quando se registrou o massacre de 12 adolescentes. Os estudantes foram vítimas de um ex-aluno, que após o ataque cometeu suicídio. Em cartas encontradas na casa do assassino, ele deixava claro que no passado fora vítima de *bullying* e que as agressões seriam uma das razões que motivaram a sua reação (Veja, 2012).

Em julho de 2013, outro estudante atirou cinco vezes contra um colega de sala que o perturbava dentro de uma escola estadual, em Santa Luzia, na região metropolitana de

Belo Horizonte (MG). Outro aluno foi atingido na barriga por uma bala perdida (O Globo, 2013).

Especialistas como Cléo Fante (2005), Lopes Neto (2005) e Mirian Paura (O Globo, 2012) asseguram que a melhor alternativa à prática do *bullying* é a prevenção. A escola necessita de ferramentas para identificar os casos e agir. Em tal perspectiva, ganham espaço as campanhas de conscientização, cujos resultados guardam relação direta com as estratégias de comunicação adotadas na implementação das iniciativas.

A comunicação teria o papel de promover mudanças de comportamentos, mediante o planejamento de processos que coordenem diferentes componentes (Guimarães, 2008). Referidas iniciativas integram o chamado *mix* comunicacional. Entre as ferramentas de comunicação disponíveis para uma campanha de conscientização, incluem-se a publicidade, a propaganda, a assessoria de imprensa, a promoção de eventos, o *merchandising*, o marketing digital, entre outras.

3 Procedimentos metodológicos.

Desde a perspectiva da metodologia científica, classifica-se o presente trabalho como uma pesquisa básica (quanto à natureza do estudo), qualitativa (quanto à abordagem do problema) e descritiva (quanto aos objetivos). Quanto aos procedimentos técnicos para a realização do trabalho, empregou-se a pesquisa bibliográfica e a realização de entrevistas em profundidade.

O roteiro-guia da entrevista encontra-se entre os Apêndices deste trabalho e inclui 18 perguntas (unidades de análise) articuladas, basicamente, em torno de duas dimensões de análise:

- ✓ Dimensão A: avaliação geral sobre a percepção e o nível de conhecimento do entrevistado acerca do fenômeno em estudo. A elaboração das questões deste

tópico teve como referência a contribuição de pesquisadores como Fante (2005), Lopes Neto (2005) e Chalita (2008), entre outros.

- ✓ Dimensão B: descrição das campanhas e programas anti-*bullying* das escolas, o envolvimento da comunidade escolar e das famílias em tais iniciativas. Aqui as perguntas se orientaram a partir das proposições de estudiosos da comunicação como Kunsch (2003), Gomes (2008), Guimarães (2008), entre outros.

As entrevistas foram realizadas com profissionais da educação (orientadores pedagógicos, diretores, professores e psicólogos) de escolas de Blumenau (SC). A determinação da amostra ocorreu por conveniência, de forma não-probabilística. Em concreto, realizaram-se 10 entrevistas com profissionais vinculados aos seguintes educandários: Escola Básica Municipal Machado de Assis, Escola Básica Municipal Almirante Tamandaré, Escola Básica Municipal Leoberto Leal, Escola Básica Municipal Visconde de Taunay, Colégio Estadual Hercílio Deeke, Colégio Estadual Pedro II, Colégio Barão do Rio Branco (particular), Colégio Sagrada Família (particular), Etevi (particular), Curso e Colégio Energia (particular).

Os estabelecimentos se situam entre os maiores educandários das respectivas redes e integram a amostra porque já desenvolveram atividades de prevenção à prática do *bullying*, de acordo com informações preliminares obtidas junto à Gered – Gerência Regional de Educação e à Semed – Secretaria Municipal de Educação.

As entrevistas ocorreram em 2012 e, a fim de preservar a privacidade e a confidencialidade dos dados, a identificação dos entrevistados ocorrerá através de letras alfabéticas, preservando integralmente o seu anonimato. Os resultados apresentados e analisados na sequência sintetizam uma parte do trabalho final de pesquisa e constituem uma primeira aproximação ao tema.

4 Apresentação dos resultados.

Inicialmente, os entrevistados foram questionados sobre o que configuraria uma prática de *bullying*, na visão deles e da escola. Todos demonstraram clareza sobre a questão, como demonstram seus depoimentos:

“Tudo aquilo que envolve a humilhação e a exposição de alunos e professores. *Bullying* é tudo que deixa a pessoa humilhada, ou muitas vezes se sente triste, a ponto de não querer vir para a escola”. (E2)

“Qualquer ato de agressão física ou verbal entre os pares, que aconteça de forma repetitiva”. (E4)

“É uma agressão repetitiva que pode acontecer com alunos, professores, e que pode acontecer no ambiente escolar, assim como, na rua da casa ou na sociedade em geral”. (E5)

“Situações literalmente recorrentes, como agressão moral, física, verbal ou psicológica”. (E7)

As respostas dos entrevistados coincidem com a definição clássica de *bullying* de autores como Fante (2012), Lopes Neto (2005) e Chalita (2008), segundo os quais o comportamento inclui agressões morais e físicas, que ocorrem de maneira repetitiva, causam sofrimento e angústia, e que por algum motivo não oferecem chance de defesa à vítima. Como visto, tais agressões se distinguem de outras atitudes violentas ou das simples “brincadeiras” infantis, que não incluem todos os elementos anteriormente referidos.

Ao serem questionados se, no atual cenário da educação, o *bullying* se tornara uma prática mais frequente, os entrevistados divergiram entre si. Alguns deles foram enfáticos ao afirmar que o comportamento tem raízes antigas.

“Vamos dizer que sempre existiu, mas nunca se usou o termo *bullying* para denominá-lo. Até mesmo na minha época, enquanto criança e estudante, já existia. É uma prática que sempre houve, mas nunca se nomeou assim”. (E3)

“Eu não diria que ele tem sido mais ou menos frequente. Ele já é conhecido há muito tempo, só que nós não conhecíamos a palavra

bullying. Mas, pelo que lembro, já desde a época em que eu estava na escola isso existia”. (E9)

Parte dos entrevistados considera que o tema se encontra em evidência na escola devido à discussão nos meios de comunicação, cuja abordagem causa confusão entre crianças e adultos.

“O tema está presente na mídia e já vemos alguns alunos acusando os demais por prática de *bullying* sem qualquer razão aparente. Basta que um terceiro os chame de modo diferente, eles já falam que é *bullying*.” (E2)

“Tudo é considerado *bullying* agora. É um termo usual. Eles falam sem saber do que na verdade se trata”. (E6)

“Hoje as pessoas classificam como *bullying* qualquer prática que considerem agressiva, independentemente do que se trate. Temos que tomar muito cuidado com isso.” (E7)

“De repente até um desentendimento banal virou *bullying*. É um modismo. Temos que tomar cuidado. O *bullying* existe, é frequente, e precisamos abordá-lo adequadamente para que se resolva.” (E8)

Como se depreende da fala dos entrevistados, o *bullying* é um problema rotineiro nas escolas e com origens remotas. Porém, não recebera tal denominação anteriormente devido ao fato de que suas consequências (nocivas) não eram totalmente conhecidas, para o que contribuiu o trabalho dos meios de comunicação. A cobertura midiática chamou a atenção para a prática, removeu o rótulo de que o comportamento era “coisa de criança” – uma brincadeira maldosa – e levou à adoção de medidas preventivas. É possível que, até então, as vítimas se calassem diante das agressões, porque não encontravam apoio na escola e na família. A divulgação dos fatos e uma tomada de consciência sobre os riscos desse tipo de atitude contribuíram para que o problema ganhasse corpo junto à opinião pública e, assim, recebesse uma resposta adequada da sociedade.

Para os entrevistados, o diagnóstico das causas do *bullying* e a previsão das conseqüências constituem tarefas de grande dificuldade, devido à complexidade do fenômeno.

“Pode ser uma coisa de sentimento, pode ser a inveja ou até mesmo uma defesa do indivíduo que, de repente, quer chamar a atenção e não sabe como. Aí, ele pratica o *bullying* para dizer: “eu estou aqui, e chamo atenção”. Pode ser uma coisa psicológica, pode ter várias causas, a gente não sabe até que ponto pode ir e de onde realmente vem”. (E2)

“A ausência de valores e a falta de respeito estão entre as causas. Se a criança é preparada, se já vem de família o aprendizado de se ter o respeito pelo outro, ela não vai praticar”. (E8)

“Na verdade não é uma causa, são muitas: é o capitalismo, são os valores, os princípios, a desestruturação da família, a globalização. Acho que tudo contribui para que isso aconteça”. (E10)

“As conseqüências são muito graves. Já tivemos casos de alunos, quero dizer, mães ligando, dizendo que o filho não queria mais vir para a escola, porque o chamavam de gordo ou de burro”. (E2)

“As conseqüências são fortes, traumáticas. Há alunos que ficam com medo, que não querem mais falar, não querem vir para a escola. Há alunos que pensaram até em se matar. E teve outros depoimentos neste sentido: aluno que não queria mais comer ou que então comia demais porque achava que ia ficar doente e aí a doença ia matá-lo”. (E5)

“A vítima guarda o caso por anos, enquanto comete atos ruins para si própria, vivendo em depressão, com autoestima em baixa. Depois reage, com tendência a estragar a vida dela e, dependendo da reação, estragar também a vida dos outros”. (E10)

Da análise dos depoimentos, se conclui que a intolerância ao diferente, a discriminação e o desrespeito são o resultado visível desse caldo de cultivo que resulta das condições sociais e da erosão de valores tradicionais. Como o diagnóstico concreto das causas do *bullying* remete a inúmeras possibilidades, os entrevistados apontam para a dificuldade

de prevenção ao problema e de mitigação de suas consequências. Em síntese, para os educadores não existe uma regra única para lidar com casos de natureza tão diversa.

De fato, durante o levantamento dos dados, um caso em particular chamou a atenção dos autores do presente trabalho. Numa escola onde se realizaram as entrevistas, uma das fontes da pesquisa relatou o episódio de uma vítima de *bullying* que confidenciara o desejo de suicídio a alguns colegas. Consultado sobre o episódio, o setor de orientação pedagógica do estabelecimento negou com veemência a ocorrência de qualquer prática de *bullying*, tal como relatado pelo entrevistado antes referido. Não cabe aqui um julgamento, mas sim o registro do desafio que representa o enfretamento desse tipo de problema no ambiente escolar.

5 Discussão dos resultados.

A realização da pesquisa constatou que a maioria das escolas pesquisadas não desenvolve campanhas propriamente ditas de prevenção ao *bullying*. Em geral os estabelecimentos realizam atividades ou projetos em diferentes disciplinas do currículo escolar, nos quais o professor pode abordar o tema.

O educandário onde trabalha o entrevistado E3 promoveu um projeto denominado Paz na Escola e, a partir daí, cada docente desencadeou ações em sala de aula. Como materiais de apoio o grupo empregou fotos, vídeos, textos, etc. A socialização das iniciativas ocorreu num evento com apresentação de músicas, paródias, jogral, palestras e exposição dos materiais desenvolvidos em sala. A escola onde atua o entrevistado E4 empregou estratégia semelhante.

A unidade onde trabalha o entrevistado E7 incluiu o tema no projeto político-pedagógico do estabelecimento, registrando seus preceitos nas agendas escolares. Além disso, realizou palestras com membros do Ministério Público e promoveu uma

exposição de cartazes e redações. A escola do entrevistado E8 desenvolve o projeto Valores, que aborda a questão do *bullying* numa perspectiva que permeia outros temas.

De um modo geral, observou-se que as escolas tratam do assunto em atividades realizadas a partir das disciplinas da grade curricular e de acordo com a demanda, ou seja, quando se registra uma ocorrência de *bullying* em determinada sala.

“Nós não chegamos a fazer um grande trabalho, mas conforme chegavam as reclamações nós fazíamos a intervenção.” (E2)

“Quando identificamos qualquer situação que pode levar a *bullying*, fazemos um trabalho em sala de aula com dinâmicas de grupo com determinadas turmas onde a gente percebe que existe uma inclinação maior neste sentido.” (E7)

Quanto ao conteúdo das mensagens passadas aos estudantes, a maioria das escolas coincide no emprego de um mesmo argumento de sensibilização: o agressor de hoje pode ser a vítima de amanhã.

“A principal mensagem é para ele (o agressor) se colocar no lugar do aluno (vítima), e tentar entender o que se passa com a criatura que está sofrendo, que está sendo atingido com o *bullying*, e fazer com que ele se sensibilize para que aquela atitude não ocorra.” (E1)

“A mensagem que queremos passar é a seguinte: hoje você pode estar praticando o *bullying*, mas amanhã você pode sofrer. Então hoje nós temos todo esse trabalho de sensibilizar os alunos, para que eles percebam que há diferenças sim, mas que é necessário se aceitar, e que todos nós temos alguma dificuldade. É preciso aprender a lidar com as diferenças.” (E2)

“Nós queremos que eles tenham a consciência do que eles estão fazendo em relação ao próximo, o mal-estar que eles estão causando e, assim como hoje eles estão provocando, amanhã eles podem estar sofrendo *bullying* também. Nós colocamos que todas as fases da nossa vida têm certos momentos e que tudo que a gente faz reflete de volta para gente.

Como é que eles iriam se sentir se eles estivessem sofrendo de *bullying*? Então colocamos a questão da reflexão, da conscientização.” (E3)

“Não faça para o outro aquilo que você não quer para si. Porque hoje você pode ser uma pessoa perfeita, amanhã você já não sabe.” (E6)

“Eles devem ter clareza e se colocar no lugar do outro, por que quando você pratica o *bullying* você não faz o movimento de se colocar no lugar do outro, e como seria se estivesse acontecendo com você? E que também existem consequências legais. Você, sendo menor, a sua família é que vai ter que arcar com as consequências. Então, são trabalhados três pontos: como você se sente sendo vítima, o que representa para aos outros estudantes e também toda a questão legal.” (E7)

Para a consecução de tais objetivos, a maioria das escolas capacita seus professores através de formações oferecidas durante o período de recesso das aulas, incluindo palestras com especialistas da área. Com relação aos pais, grande parte dos estabelecimentos se limita a tratar do assunto em reuniões e assembleias escolares. Contatos individualizados ocorrem conforme a demanda. Os antigos recados por escrito na agenda ou no caderno ainda são usados, mas somente em alguns casos, pois as escolas admitem que os próprios alunos acabam não mostrando para os pais ou, o que é pior, falsificando a assinatura deles.

“Nós pecamos muito, porque trabalhamos o aluno e não trabalhamos com os pais dos alunos. Até este ano nós trouxemos uma psicóloga para conversar com os pais, mas, geralmente, aquele pai que precisa ouvir nunca se faz presente”. (E1)

“No ano passado, tivemos que chamar alguns pais, para tratar de casos específicos. A gente orientava e, se aquele que praticava não melhorava, o que sofria poderia entrar com uma medida protetiva, como o registro de um boletim de ocorrência.” (E2)

“Em assembleias e reuniões, conversamos com os pais para que eles orientem seus filhos, porque para alguns pais o *bullying* é só uma brincadeira, que não tem maldade. Quando chamamos eles na escola, por

algum caso específico, apontamos alertamos para as consequências legais de tais práticas, advertindo que *bullying* na verdade é um crime.” (E3)

Em todas as escolas que participaram da presente pesquisa, os entrevistados responderam que os resultados obtidos com as campanhas de conscientização foram positivos, com a diminuição do número de casos de agressão.

“É cansativo, mas muito gratificante. Os alunos tentam nos vencer no cansaço, mas aqui diminuíram muito as brigas, a violência, a intolerância, os xingamentos. Não é fácil. A gente não atinge a todos, mas a uma grande parte. É por isso damos continuidade.” (E2)

“Foi muito positivo. Era muito mais frequente esse tipo de ato. Minimizou bastante. Nós ainda temos um caso ou outro, mas não do jeito que era antes.” (E3)

“Foi um trabalho muito bom, com bons resultados, que valeu muito a pena, pois os alunos se conscientizaram.” (E5)

Os entrevistados ressaltaram a necessidade de continuidade das campanhas de prevenção, pois todo ano chegam novos alunos que requerem atenção e acompanhamento. Além disso, o próprio amadurecimento do estudante ao longo da sua permanência na escola exige diferentes abordagens do tema, conforme o estágio de desenvolvimento de cada um.

De um modo geral, a realização da presente pesquisa serviu para confirmar a relação existente entre a comunicação e as campanhas ou projetos de prevenção à prática do *bullying*, principalmente porque a principal ferramenta utilizada pelos educadores é o diálogo direto com os estudantes. Em comunicação, a disposição para o contato entre diferentes interlocutores é a premissa para a implementação de qualquer iniciativa com chances de êxito.

6 Considerações finais

A prática do *bullying* nas escolas públicas e privadas constitui um problema grave e complexo, e inclui diferentes manifestações de comportamento violento. Suas características distintivas são a repetição sistemática, a ausência de uma razão aparente e o ímpeto de domínio sobre alguém considerado indefeso diante de determinada situação. As vítimas sofrem graves consequências físicas e psicológicas, reagindo dos mais distintos modos.

Como forma de prevenir e reduzir o *bullying*, as escolas adotam diversas modalidades de campanhas de prevenção, envolvendo toda a comunidade (professores, estudantes e familiares), que configuram um amplo leque de iniciativas. Nesse contexto, a comunicação cumpre um papel estratégico, pois pode contribuir de maneira efetiva para a mudança de comportamento no ambiente escolar.

Na presente pesquisa, se procurou identificar como as 10 maiores escolas de Blumenau (SC) empregam ferramentas de comunicação como a publicidade, a assessoria de imprensa, a realização de eventos, entre outras, nas suas estratégias de conscientização de diferentes públicos. A realização de entrevistas com profissionais de tais educandários apontou que a maioria delas de fato desenvolve projetos na área, agindo a partir da identificação de demandas específicas. Os resultados registrados até aqui animam os entrevistados, segundo quem as medidas alcançaram os seus objetivos, com a diminuição dos casos de *bullying*.

Geralmente, as atividades ocorrem em disciplinas que facilitam a abordagem do problema pelo próprio conteúdo previsto no currículo. Entretanto, também se realizam abordagens transversais. Como materiais de apoio, se utilizam fotos, vídeos, textos, etc. A socialização das iniciativas ocorre em palestras, exposições de cartazes e redações, e eventos artístico-culturais que propiciam a ampla participação dos estudantes. Uma das escolas pesquisadas incluiu a questão do *bullying* no projeto político-pedagógico do estabelecimento e registrou seus preceitos nas agendas escolares.

Além do apoio às vítimas, as escolas investem na conscientização dos agressores, coincidindo no emprego comum de um argumento de sensibilização: em síntese, não

faça para o outro aquilo que não quer para si, afinal, quem pratica o *bullying* hoje pode ser a vítima amanhã.

A realização desta pesquisa identificou duas fragilidades na estratégia de comunicação das escolas que desenvolvem projetos de prevenção à prática do *bullying*: a parcimônia no contato com os pais e a escassez de iniciativas através das redes sociais virtuais. A maioria das escolas não mantém uma relação regular com os familiares dos estudantes. As interlocuções se limitam às reuniões e assembleias escolares, enquanto as abordagens individualizadas ocorrem apenas conforme a demanda.

Por outro lado, contrastando com as fortes iniciativas de inclusão digital país afora, chama a atenção a ausência das escolas no ambiente Internet ou, pelo menos, dos endereços por onde navegam seus alunos. Nenhum dos entrevistados relatou o emprego da rede como meio de comunicação sobre o *bullying*. Uma única escola acompanha os estudantes nas redes sociais virtuais e, ainda assim, apenas quando recebe o alerta de alguma prática considerada inadequada.

Por isso, os entrevistados sublinharam a importância da continuidade e do aperfeiçoamento das campanhas de prevenção. Como se conclui de tais relatos, há necessidade de emprego de novos mecanismos de diagnóstico, mediação e avaliação do problema, pois o *bullying* é um fenômeno de grande complexidade e as ferramentas de comunicação podem auxiliar na formação de hábitos e comportamentos. Os educadores entendem que não existe uma única regra para o enfrentamento de casos com natureza tão diversa, razão pela qual a reversão das tendências atuais depende do avanço de iniciativas que promovam um ambiente escolar sadio e seguro para todos.

Como sugestão para estudos futuros, julga-se pertinente uma pesquisa sobre a eficácia das diferentes ferramentas de comunicação empregadas nas campanhas de prevenção ao *bullying* na escola, incluindo uma avaliação sobre a viabilidade de utilização de novas tecnologias da comunicação (Internet, telefone celular, etc.). O trabalho permitira identificar as medidas mais úteis e as linguagens mais adequadas para a conscientização dos diferentes segmentos da comunidade escolar.

R y P

Referências.

Calbo, A. S. et al. (2009). Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. **Contextos Clínicos**, 2 (2), 73-80.

Carvalhosa, S. F.; Lima, L.; Matos, M. G. (2001). Bullying – A provocação/vitimização entre pares no contexto escolar português. **Análise Psicológica**, 4 (19), 523-537.

Chalita, G. (2008). **Bullying**: O sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: Gente.

Fante, C. (2005). **Fenômeno bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus.

Fante, C.; Pedra, J. A. (2008). **Bullying escolar**: Perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed.

Gomes, N. D. (2008). **Publicidade**: Comunicação persuasiva. Porto Alegre: Sulina.

Guimarães, C. S. (2008). **Comunicação estratégica para a mudança social no contexto da implementação de políticas sociais**. Disponível em: http://www.marketingsocial.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=8:comunicacao-estrategica-para-a-mudanca-social-no-contexto-da-implementacao-de-politicas-sociais&catid=11:comunicacao&Itemid=2. Acesso em: 20 maio 2012.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2009). **IBGE revela hábitos, costumes e riscos vividos pelos estudantes das capitais brasileiras**. Disponível em: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=1>>. Acesso em: 1 mar. 2012.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2011). **Censo Escolar**. Veja aqui os dados finais do Censo Escolar da Educação Básica de 2011. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>. Acesso em: 19 abr. 2012.

ISTO É. (2012). **Bullying, um crime nas escolas**. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/9028_BULLYING+UM+CRIME+NAS+ESCOLAS>. Acesso em: 10 jun. 2012.

Kunsch, M. M. K. (2003). **Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada**. São Paulo: Summus.

Lopes Neto, A. (2005). Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, 81 (5), 164-172.

O GLOBO. (2012). **Bullying: um problema que extrapola a lei**. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/educacao-na-midia/22957/bullying-um-problema-que-extrapola-a-lei>. Acesso em: 10 jun. 2012.

O GLOBO. (2013). **Jovem suspeito de atirar em colega sofria bullying na escola, diz polícia.** Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/07/jovem-suspeito-de-atirar-em-colega-sofria-bullying-na-escola-diz-policia.html>. Acesso em: 10 jul. 2013.

Santos, J. O.; Sousa dos Santos, R. M. (2011). Bullying: O novo fenômeno da violência escolar. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, 1 (1), 15-23.

VEJA. (2012). **As escolas encaram o bullying.** Disponível em: http://veja.abril.com.br/especiais_online/bullying/abre.shtml. Acesso em: 10 jun. 2012.

¹ Doutor em Comunicação. Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Desenvolvimento Regional. FURB – Universidade Regional de Blumenau clovis@furb.br

² Valquíria Roseli Dias. Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda FURB – Universidade Regional de Blumenau valquíria_rdias@hotmail.com